

## Discurso do Prof. Serafim Guimarães durante o VI Jantar Beneficente

Mais uma vez, e é a sexta, que nos encontramos nesta mesma sala, pelo mesmo motivo e quase com as mesmas pessoas, e nós, com um sentimento de redobrada gratidão a agradecer a dádiva desinteressada desta presença. Se o nosso agradecimento foi já grande em 2007, como não há-de ser, agora, multiplicado por seis!

Na primeira vez agradecemos a resposta a um apelo, apenas um e inicial. Imagina-se o tamanho do nosso agradecimento de hoje: pelo mesmo sim, como o que foi dado ao primeiro apelo, acrescentado da homenagem à prontidão, à fidelidade, à perseverança, numa palavra à demonstração de dedicação a uma causa que, visivelmente, todos os presentes tomaram como sua. Nada há mais agradável para quem a pede do que poder constatá-la da parte de quem a dá.

A mesma conta de multiplicação faz para agradecer aos nossos beneméritos anfitriões estas portas abertas e o carinho com que as abrem. A Senhora D. Celeste e o Senhor Dr. Manuel têm um crédito imenso não só do nosso lado mas, sobretudo, do lado de quem não lhes pode agradecer! Os beneficiados da sua generosidade.

Permito-me mencionar a presença altamente honrosa dos Senhores Duques de Bragança e informar que o Senhor D. Duarte Pio se dignou tornar sócio da nossa Liga. É com muita alegria que o anunciamos, o saudamos e lhe agradecemos.

E vamos às contas. O nosso prestar contas que consiste, sobretudo, no relato das iniciativas levadas a efeito durante o ano da Liga – que vai de Outubro a Outubro, ou melhor, de jantar a jantar - e que, para todos nós, já se tornou um acontecimento habitual do nosso calendário, apesar de ser, aparentemente, um evento repetitivo, nunca se tornará rotineiro, tão profundamente envolve o que há de mais irrepetível no mundo: o ser humano e aquilo que é mais dramaticamente individual: o sofrimento.

Podemos dizer que não sendo numerosas, vão sendo cada vez mais significativas as ajudas que a Liga tem concedido porque, por um lado, a nossa capacidade material, embora muito devagar, tem vindo a aumentar e, por outro, a necessidade de quem recebe é, visivelmente, mais e mais aguda e próxima.

Começamos pela oferta, economicamente mais significativa: A oferta de um aparelho de Crioterapia, para a Pneumologia, que torna possível fazer intervenções por endoscopia brônquica que evita cirurgias agressivas e arriscadas. Sem essa aquisição, que o Estado ainda considera um luxo, essas manobras e esses exames exigem a abertura da parede torácica que, além das potenciais complicações e do obrigatório internamento, constituem uma agressão mecânica acompanhada de todo o sofrimento inerente a essa atitude cirúrgica.

Numericamente o serviço de neurocirurgia foi o mais contemplado. É natural. Continua a ser aí, no domínio dessa especialidade que a Medicina, a Clínica como capacidade técnica de intervir, médica ou cirúrgica, apesar de todos os progressos, menos pode fazer.

Neste âmbito foram distribuídas: cinco cadeiras de rodas, duas cadeiras de banho e quatro cadeiras relax para doentes.

A nossa ajuda continuou, também, a ser dirigida para as senhoras vítimas de patologia mamária, que em consequência de intervenções mutilantes tiveram necessidade de fazer correções estéticas.

Contudo, a ajuda mais significativa, foi a que concedemos ao Serviço de Pediatria. Sempre as crianças a mexerem com o mais íntimo que temos.

Essa iniciativa que consideramos original e de grande significado foi o estabelecimento de uma parceria com a Fundação do Gil, com a qual demos, seguramente, um novo e amplo fôlego ao nosso programa de ir mais longe no preenchimento dos interstícios aonde não chega o efeito das normais estruturas que a sociedade inventou e organizou para beneficiar a saúde das pessoas.

A Fundação Gil, bem conhecida de nome, bem estruturada e bem lançada na acção ofereceu ao serviço de Pediatria do Hospital de S. João um veículo, devidamente equipado para prestar assistência médica de índole hospitalar, fora de portas. Um pequeno hospital ambulante.

Complementarmente, o Hospital de S. João prontificou-se a fornecer os técnicos de saúde, aptos para esse tipo de acção fora dos seus muros e nós oferecemos todo o resto.

Como todos sabem, há situações clínicas que obrigam a um cuidado médico continuado, tecnicamente exigente, atento, generoso que, habitualmente, só pode ser prestado em regime de internamento.

Estas situações ocorrem de modo particularmente frequente em crianças vítimas de doenças crónicas graves que obrigam a uma assistência médica praticamente contínua, e que, por isso, atiram os doentes para um regime de internamento. Esse internamento seria dispensável, em alguns casos, se o doente pudesse deslocar-se, regularmente, ao hospital. Mas se a criança é de longe e pobre, essa solução é irrealista e torna o internamento inevitável.

E com o internamento vem a cadeia de infortúnios que um desenraizamento brutal e incompreendido sempre produz: o afastamento das pessoas e dos sítios, o corte dos hábitos e das lembranças de conforto que a presença dos amigos e o carinho dos familiares representam.

Quantas vezes, são mesmo os animais e as coisas que as rodeiam que contribuem para o necessário equilíbrio orgânico e psicológico das crianças: o cão ou o gato que se estima, a brincadeira de que se gosta, o clima ecológico que as rodeia e a que se habituaram. Quem não passou já pelo sentir profundo destas presenças?

Tudo isto fica em casa quando se vai para um hospital.

Com o internamento sofre a criança e, por via de regra, torna-se mais penosa e infeliz a vida dos familiares.

Ora, em alguns destes casos, é possível remediar os malefícios do internamento, sem perda de eficácia no processo da assistência, mantendo as crianças no seu meio. Basta que a ajuda se desloque às suas residências. É um processo que se tornou possível graça, como disse, à sintónica colaboração que foi possível estabelecer com as três entidades referidas: Hospital de S. João, Fundação do Gil e Liga dos Amigos do H. S. João.

Técnica e humanamente mudam, apenas, um sítio, mas para melhor. A diferença entre o internamento que o Estado pagaria mas oferecendo a solidão ou a presença anónima de quem não se conhece, é a Fundação do Gil e a Liga dos Amigos do Hospital de S. João que a garantem; somos nós, os apoiantes desta nossa Liga, que contribuímos para a fazer! Poupa-se sofrimento e até se poupa dinheiro!

Para ter uma ideia mais próxima deste procedimento tomei parte, há dias, numa dessas romarias de assistência. Nessa ronda, que a equipa assistencial faz pelo norte do país, de Aveiro a Bragança, às segundas e sextas-feiras de forma programada e em todos os outros dias, de acordo com a evolução das situações, pude confirmar a profunda verdade do que está em jogo e que não é difícil de adivinhar.

São, neste momento, 58 famílias com crianças doentes, profundamente doentes, que necessitam deste apoio!

O André e o Artur, os elementos mais constantes dessa equipa visitante são, hoje, membros queridos dessas famílias. A ansiedade com que os esperam, a amizade com que os recebem, a gratidão que exprimem nos seus gestos, mostram o mais belo que a riqueza humana tem para dar. É bonito!

Nos olhos de um dos familiares mais íntimos dos doentes visitados, vi as tais lágrimas com sorrisos dentro na expressão feliz de Lobo Antunes, quando souberam que eu representava a Liga.

Li, algures que não basta fazer o bem; é preciso fazê-lo bem.

Na avaliação de situações, sempre que se formula um juízo que inclui ou exclui, não chega tomar em atenção a baixa necessidade material que está em jogo; a alma não pode ficar de fora, como o chapéu que se tira da cabeça e se deixa à entrada! É esse um ponto crucial na função de quem avalia e que nunca nos deixa inteiramente sossegados.

Além disso, a necessidade de acudir nem sempre cabe, com clareza, no âmbito dos nossos estatutos. O cuidado de considerar as fronteiras que os limitam são uma das mais frequentes causas das nossas hesitações. E não sei se, uma vez ou outra, o supremo princípio da caridade não terá ultrapassado a rigidez fria da lei.

Os tempos que vivemos não são os melhores. Contudo, se não temos razões para cantares gloriosos, também não podemos ceder à melancolia dos negativismos.

Vamos todos contribuindo como pudermos com a consciência de que o que fizermos não é preciso que seja considerado a manifestação excelsa de uma grande virtude, nem um acto extremo de vontade, mas a resposta normal a uma lei íntima, a confortável satisfação de uma necessidade interior.

A Liga dos Amigos do Hospital de S. João destina-se a isto e a tudo que mora próximo disto. É tolice que não quero cometer a de elencar razões que justifiquem o apelo que agora e aqui faço para que continuem a ajudar-nos e para os que ainda não são, se tornem membros desta Liga.

Os doentes que nos esperam precisam e merecem!

O Presidente da Direcção da LAHSJ

Serafim Guimarães

